

TREM DAS SOMBRAS

CRÔNICAS METROPOLITANAS

DIOGENES R CARDOSO

ÍNDICE

1.LOUCOS

2.PROGRESSO

3.INSTANTÂNEOS

4.APENAS MAIS UMA ESTÓRIA

5.COMPARTILHE

6. ÓDIO NOSSO DE CADA DIA

7.COMPAIXÃO

8.A SURRA

9.SÓ NOS RESTA VIVER

10.DIVERSÃO

11. PAI

12.NOITE DOS FANTASMAS

13.SHOPPING TREM

14.NASCENTE

15.SCOOBY

16.ESCURIDÃO

17.O SELVAGEM DA MOTOCICLETA

18.O DIA

Meus mais sinceros agradecimentos ao trabalho de leitura crítica e revisão de Barbara Nascimento, que foram vitais para que este livro pudesse ter o mínimo de coesão. E, principalmente, a Margareth de A. Franco Goulart dos Santos, pela dedicação em ler, revisar e comentar todo este livro e também as várias partes que ficaram de fora, mesmo não sendo seu gênero preferido. Muito obrigado pelo incentivo constante minha amiga.

LOUCOS

Desde o fim da década de setenta está em vigor no Brasil uma política que visa à integração dos "insanos e loucos" na sociedade. Ele era completamente favorável a ela, afinal os manicômios e hospícios foram verdadeiros depósitos de gente, onde reinavam as condições das mais desumanas possíveis.

No entanto, a presença constante destes na sociedade deveria ter vindo junto com um ajuste dela para conviver com eles, uma estrutura de apoio e tratamento eficiente e uma campanha permanente para que houvesse mais a tolerância, respeito e paciência. Sem contar um pensamento sem viés ideológico e centrado na realidade para o correto manejo dos casos em que havia risco para a segurança de outras pessoas.

Nada pior para a tolerância do que a convivência, isso ele via muito claramente no seu dia a dia no trem.

Os passageiros com problemas mentais "visíveis a olho nu", mais comuns são aqueles que falam sozinhos. Normalmente são conversas animadas; eles discutem, argumentam, respondem, riem, choram, brigam e fazem confidências para seus amigos imaginários. Há um receio totalmente compreensível

da maioria das mulheres por conta da possibilidade de violência física e constrangimento. Uma ou outra têm um olhar caridoso e até os acolhem.

Provavelmente aquelas que tem alguém próximo que sofre de um mal semelhante ou que trabalham em saúde mental. Em 90% dos casos eles não oferecem perigo. Dos homens é que sentia mais vergonha alheia, a maioria se afasta com cara de asco e se refugia em seu celular. Podia parecer loucura, mas sentia que a sociedade havia se desumanizado. Antigamente era comum alguém, ou mesmo uma turma, ficar conversando com essas pessoas e ficar rindo de suas ideias delirantes. Ele achava paradoxal que o bullying podia ser mais humano que a indiferença.

Casos mais difíceis são os que sofrem de “retardo mental”, tentam desesperadamente se colocar na conversa dos outros e são tratados quase como leprosos. Como é lendária a falta de controle que estas pessoas têm dos seus impulsos, as mulheres têm pavor deles, há qualquer sinal de que eles tomam alguma liberdade a mais podem (e são) surrados sumariamente.

Outros apenas cantam, pregam, ou fazem qualquer coisa considerada anormal. Mesmo incomodando não costumam ser importunados. A

população, os guardas contratados e a própria polícia ferroviária sempre os tratam com profundo respeito. O mesmo não pode ser dito daqueles que se embriagam e passam a incomodar e atrapalhar a viagem alheia, estes costumam a ser convidados a se retirar.

Uma vez o louco havia sido ele.

Voltando do trabalho mais tarde viu no vagão um homem jovem e bem-vestido pregando a palavra de Deus e pedindo dinheiro. Isso já o incomodou profundamente, mas engoliu sua raiva, ficou quieto, remoendo sua indignação. Apesar de não ser o evangélico mais praticante do mundo tinha profundo respeito por Deus. Levando a sério a ideia de não usar o nome Dele em vão. O Brasil pode estar perdendo, ou o seu querido Santos, mas ele nunca pedia por eles. Acreditava que, para estas coisas, é ilícito invocar a ajuda divina. Tinha até uma frase para isso:

Não se coloca Deus no jogo!

Em outras situações também, se sentia muito incomodado quando começava a se falar sobre Deus. No boteco onde gostava de ser mais um ébrio ou nos “mocós” aonde de vez em quando ia curtir uma

droga. Aquilo lhe emputecia ao ponto de já ter saído na mão algumas vezes.

Foi chegando sua estação, se levantou e foi andando para o final da composição para ficar mais próximo da saída. No último vagão se deparou com uma cena inacreditável. O simoníaco fulano estava cercado por dois seguranças contratados da CPTM e dois policiais ferroviários. Para tentar fugir do flagrante ele estava “metendo o louco” pulando em cima da Bíblia que estava no chão.

Existe um treco em psiquiatria que se chama dissonância cognitiva. Você se torna outra pessoa por um tempo, quando acorda não sabe o que aconteceu, o que fez, nada.

Quando ele era criança inventaram um apelido que ele detestava e ele só lembrava de ter pensado:

O próximo que me chamar de teta de Fafá vai ver só!

De repente ele estava em casa, todo mundo preocupado, tratando-o como se ele estivesse doente. Não foi mais na escola naquela semana e quando voltou, todos o olhavam com medo e nunca mais ninguém inventou nenhum apelido. Depois ele veio à

saber que o seu melhor amigo lhe chamou pelo apelido.

Correu atrás dele, dizem, em uma velocidade que ninguém acreditava que pudesse se movimentar, segurou-o como se fosse de papel e o jogou contra a parede com tanta força que ele fraturou a mandíbula e o rádio do antebraço direito. Precisou de três professores para lhe tirar de cima do coitado. A diretora o queria expulso, mas o seu avô, advogado, ameaçou com um processo contra a escola porque até aquele momento ele sempre fora um aluno exemplar e que foram eles permitiriam que chegasse àquele ponto (seu velhinho era mestre em sua arte). Até hoje não se lembra de nada.

Em um episódio parecido quase perdeu seu emprego na polícia. Ainda trabalhava como investigador e enfermeiro. Na primeira atividade dava plantão em uma delegacia próxima do segundo serviço. Na segunda lidava com infância e adolescência em uma enfermaria e de autistas com auto potencial de heteroagressividade em outra. Uns cavalões maiores do que ele, tanto em uma clínica quanto na outra, era manejo e contenção todo dia. Levava tudo muito bem, de forma sempre bem equilibrada.

No entanto, em uma bela noite, voltando para casa, cumprimentou o gerente de um posto de gasolina que ficava no caminho. Uma turma de jovens estava tomando umas cervejas e lhe oferecem uma. Aceitou e contou umas histórias divertidas, e eles foram lhe pagando mais cervejas, e ele foi contando mais histórias...

Seria só uma bronca da patroa que teria valido a pena se não aparecesse um cabra do tamanho dele, só que tudo de músculo! Até hoje não sabe o porquê ele estava com tanta raiva, o porquê de ele querer arranjar uma briga. O indivíduo se meteu na conversa, falou um monte de asneira, acabou com o clima; *Bem, acabou a cerveja, caminho de casa, não é?* Era o que ele estava fazendo. Mas enquanto andava em direção ao seu lar escutou:

— O gordão! Vai tomar no cu!

Lembra-se do último pensamento:

Aí, lá no seu serviço é fácil, você tem apoio, os pacientes estão medicados. Na polícia você tá armado. Contra um cara desses, no mano a mano, você tem coragem?

— Você me mandou tomar aonde, seu filho da puta?! — falou ao se virar.

Neste ponto a estória se repete, mas com um intervalo menor de apagamento. Algemado dentro de uma ambulância e outra ambulância parada saindo em disparada do posto. A sua sorte é que o gerente do posto depôs ao seu favor, o que lhe salvou do flagrante e de uma acusação de tentativa de homicídio. Sem se lembrar de nada, com o rosto todo inchado, ganhou uma semana de hospital e piadas sobre ter sido pego pulando a cerca até hoje. Ahh, o outro cara, vocês devem estar se perguntando. Graças a Deus o gerente do posto sabia fazer ressuscitação e a primeira ambulância veio com um médico que sabia entubar. Ele quebrou a traqueia do sujeito...

Mas voltando ao trem. Ele só lembra de vê-lo pulando em cima da Bíblia. Depois quando deu por si já havia colocado metade do corpo dele para fora da janela do trem, guardas e policiais desesperados tentavam impedir que ele defenestrasse o infeliz.

A ocorrência foi registrada na estação e ele explicou para os policiais seu problema (e seus parentescos), apenas fizeram um relatório com os seus dados. Seis meses depois ele foi pego e como seu telefone estava no sistema, o delegado lhe ligou. Foi,